

Título- A LOUCA HERANÇA

Texto - Guilherme Schilling Martins

Personagens:

Personagem A

Personagem B

Personagem C

Bruxa

Um homem

...

Apagam-se as luzes gerais, no palco luz fraca. Entram pessoas compõe o cenário e retiram-se. Em cena um homem que dorme, ao seu lado uma vela acesa.

Começa música calma, de sonho, filme inicia.

Temática do filme: os grandes conflitos e descobertas da história da humanidade, suas guerras, suas belezas, seus horrores. Pode-se defini-lo como uma colagem, pois filmado foi sobre fotografias de revistas e livros; apresenta ainda cenas de natureza, mar, pássaros e flores. O filme não possui diálogo ou palavras, é todo musical.

Um pouco antes de terminar entram os personagens A, B e C, todos vestidos com togas de diferentes cores, dizem:

...

Personagem A - Impérios e povos se formaram e pereceram.

(sussurros)

Personagem B - Fronteiras foram criadas e expandidas.

(sussurros)

Personagem C - Fronteiras foram invadidas e modificadas.

Criou-se o que não havia: terras e bandeiras.

Guerras, guerras, guerras...

...

gracete
At 14

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Dois personagens vão para segundo plano, o que fica domina a fala, enquanto que os outros reforçam com caracterizações ce nas de nosso cotidiano, onde surgem padames vernósticos, co soas caricaturais, soldadinhos de chumbo, etc.

A fala seguinte é em tom declaratório.

...

Personagem A - A única coisa que deve ser venerada é a loucura; me será lícito possuir a razão, aquela razão que con diz com caras repuchadas e afetado andar ?

O que não precisam esconder por trás de tal postura!

Olhar que tola mente pretende indicar desprezo pelo mundo circundante.

Pobre olhar que quanto mais deseja esconder mais revela a condição do usuário...

Personagem B - Elegante boneco recheado de papel!

(exaltado)

Personagem A - Que representem a sua farsa até a fartura, so mente não me incluo no elenco.

A mim reserve papel bem melhor, como se houvesse um pior!...

Personagem C - quero um papel!

(exaltado)

Personagem A - quero um papel que me caracterize por enorme quantidade de olhos e pelos sensitivos, quero ser a língua que tudo prova, o intestino que tudo digere, o ânus final...

...

Ao terminar a fala os personagens despojam-se das togas - re presentam a loucura - puxam os cabelos, sofrem convulsões, etc. Por fim acalma-se a cena e respectiva música instrumental



tal, dizem:

...

Personagem A - Cheira de invernícios.

Personagem C - Não queremos fronteiras.

Personagem A - Não queremos barreiras.

Personagem C - A seriedade vigente não é séria.

Personagem A - A normalidade pregada não é normal.

...

Personagem B durante toda a cena prossegue representando a loucura, mudo em seu desespero.

Após a fala retiram-se caquejando as últimas palavras (não é séria... não é normal...). Morre a luz que dominava, canhão ilumina personagem que dorme (o homem), desperta assustado. Reflexiona, então, a respeito do sonho que tivera.

...

O homem - Nestes últimos tempos um sentimento e uma idéia me assolam, vejo que a seriedade é ridícula e a normalidade crime.

Que outro lugar pode abrigar um pássaro senão o céu ?

Pode um elefante habitar as águas ?

Que outro lugar pode ganhar o homem senão a loucura em que se encontra ?

Sou um mal menor, porém, reflexo de todos os outros. É impossível a tudo explicar e dar corpo. Tudo se passou na minha cabeça, esta caixa secreta e inviolável, lá é que tudo se passou!

Só me é lícito possuir a certeza que o sonho me permitiu

nosso reinar no mundo do efêmero, da fantasia.

Túmulos e colunas perecem em sua dureza.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Em que consistes trágica existência de sons, cores, formas e sonhos ? Os novos caminham, o tempo brilha e neles nos perdemos. Gerações de sons, cores, formas, gerações de loucos.

Porque caminhos ando, em que gigantesca incógnita me acho? Pousado estou no alto da interrogação. Não me perguntem porque mais não sei, do muito que me pergunto de momento nada sei...

...

Personagem entra em alfa, pensa, medita, viaja, enfim, sem fim.

Surge a bruxa, mas, antes dela sua risada. Música acomba - nha. Aproxima-se do personagem, tras nas mãos a caixa das respostas bestiais, incita-o a entrar na caixa.

...

A bruxa - Uahahaha...

Uohohoho...

Venha, venha não tenha medo queridinho.

Olhe para meu rosto... não tenha medo...

...

Ele entra e explode literalmente em angústia e impotente revolta.

...

O homem - Como ela enlouquece.

Ela minha cabeça,

ela a realidade.

Como todos enlouquecem.

Tudo: minhas dúvidas,

minhas drogas corpóreas-espirituais;

elas minhas ninharias.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



A bruxa - Audácia senhores, audácia senhoras!
Sem ela nada de sonhos, nada de nada.

O homem - Nada, nada de sonhos,
nada, nada de nada... nada.

A bruxa - É preciso coragem até mesmo para sonhar,
o que não dizer para viver!

O homem - Mas, é tudo tão injusto e deslavado; nada, nada de
nada...
A mordidão deste momento me força a reconhecer que
sou pequeno, muito pequeno.

A bruxa - Sim e não, ouça:
Deitado na grama não movia um músculo, enquanto que
o outro cortava lenha; no fim do dia a noite chegou
certa para ambos.

O homem - Afinal o que quero de tudo isto ?

A bruxa - Existe uma fórmula, eu a possuo!
Vibre, dilua-se, parta!

O homem - Sim,
vibre, dilua-se, parta...

...

Terminado o diálogo morre a luz.

A bruxa se retira como entrou: rindo, acenando, conclamando.
A música aos poucos nos lembrará uma caixinha de música. en-
tram, então, tres personagens (de branco). Representam entre
uma fala e outra as tres idades de tudo o que vive: infância,
plenuude e velhice.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 838
Fone 226.0242 - CEP 90020-025



Como conclusão da peça e, após terminada a última fala ,
os personagens formam uma só massa inerte. A música nos
lembrará um relógio antigo parando nos ponteiros, até que se
extingue por completo.

Neste instante apaga-se a vela.

...

Personagem A - Julgamos que sabemos.

Sabemos porque julgamos.

Então, porque julgamos se sabemos ?

(repete novamente com mais veemência)

Julgamos que sabemos.

Sabemos porque julgamos!

Então, porque julgamos se sabemos ?

Personagem B - Somos bem mais que o mal do século!

Somos o mal do milênio...

Somos o produto final de uma longa cami -
nhada.

Tudo desemboca em nós, e em nós tudo tem
continuidade.

Personagem C - Respeitem nossa forma de ser.

Respeitem sua herança...

...

Fim da peça.

...

Porto Alegre, 1 de novembro, 1983

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

